



Lourenço Eduardo Bandeira Vieira
43 anos - Agrovêneto - Nova Veneza

Em 2008, após menos de um ano na agroindústria, Lourenço, sofreu um acidente de trabalho e atrofiou o braço. “Pelo ritmo excessivo, o meu braço foi prensado por uma caixa de 15 quilos e ficou torcido e fui perdendo os movimentos”. No período de seis meses, usou um gesso, tala, ortose no braço e voltou ao trabalho, mas os

nervos ficaram imobilizados e a mão não abre mais. Foi afastado das atividades por três meses pelo INSS e remanejado para os serviços gerais no pátio da empresa. Com fortes dores, procurou o Sindicato para saber dos seus direitos. Após exame por especialistas, foi diagnosticado o problema como irreversível. O trabalhador

entrou com processo no INSS e promotoria de justiça e foi afastado por mais sete meses.” A empresa mandou laudo atestando que eu podia trabalhar e voltei em dezembro de 2009”. Atualmente, ingere seis comprimidos diários de morfina sintética para aliviar as fortes dores e está com processo para afastamento.

Doenças ocupacionais

As Lesões por Esforços Repetitivos (LER) ou Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) são doenças dos ossos, músculos e tendões que afetam, principalmente, o pescoço e os braços das pessoas - Poderiam ser evitadas se as empresas não explorassem os trabalhadores acima da proteção da sua saúde e da sua vida.

Segundo dados da Associação Nacional de Procuradores do Trabalho, os trabalhadores das

agroindústrias tem 743% mais chances de ter doenças ocupacionais, principalmente nos ossos e punhos, que as demais categorias.

Enfermidades mais comuns em razão da LER/DORT

- * inflamações nos tendões;
- * inflamações nos cotovelos;
- * inflamação no punho e outros.

Queixas mais comuns

Dor - sensação de cansaço - inchaço - adormecimento - falta de força nas mãos.

Como prevenir as doenças ocupacionais nos frigoríficos

- 60 minutos de pausas de descanso para recuperação Psico-Fisiológica.
- limitação do tempo de exposição na linha de trabalho em 36, 40hs/semanais.
- As pausas devem ser usufruídas fora dos locais de trabalho, em ambientes que ofereçam conforto térmico e acústico, disponibilidade de assentos, oferta de bebidas quentes e visão para o exterior;
- redução no ritmo da produção.

Ferida sem cura



Valdirene João da Silva
40 anos - Seara Alimentos - Forquilha

Queria não sentir mais dor. Com dor a gente fica sem vontade de viver. Sofro por não poder pegar minha netinha de nove meses, da dependência de minha família, mas agradeço a Deus por ela e tenho fé. O drama de Valdirene, casada, três filhos, aposentada por invalidez, começou aos 35 anos. Após 11 de trabalho na Seara Alimentos de Forquilha, em 2005, teve um de seus braços comprometido pela LER/DORT e o outro está parcialmente sem reflexos. A trabalhadora jamais perdeu um dia de atividade em

um ritmo intenso, desossando cerca de 10 sobrecoxas por minuto em um ambiente de menos de 10º. Hoje, ingere morfina de quatro em quatro horas e outros medicamentos para depressão, além de sofrer as seqüelas causadas pela medicação, como a epilepsia. *Arrependo-me de ter sido “carneira”, ter dado a vida pela empresa muitas vezes doente. No início fui abandonada pela empresa. Depois de muita luta, junto com o Sindicato, a empresa passou a custear todo o tratamento. Sem o Sindicato*

nem sei o que faria, desabafa. Nesse período foram 10 cirurgias sem sucesso e briga na Justiça para garantir os direitos e principalmente a dignidade da trabalhadora. *Os médicos da empresa alegavam que ela não tinha nada e não era afastada, causando agravamento da doença. Foi preciso acionar a justiça, afirma Célio Elias, secretário-geral do Sindicato.* No mês de março, Valdirene resgatou a esperança iniciando um novo tratamento em uma clínica de referência no controle da dor, em Campinas-SP.

Zelir Sebastiana Pereira Machado
35 anos - Seara Alimentos - Forquilha



A trabalhadora Zelir teve sua mão direita mutilada com cinco dias de Seara em 2003. Após o acidente, ficou ainda trabalhando dois anos na empresa e entrou em depressão. “Eles me escondiam quando recebiam visitas dos clientes em função da minha mão. Hoje tenho muita

dificuldade para trabalhar. Conto com a ajuda da minha família para sobreviver.” A trabalhadora entrou na Justiça pelo seus direitos. Atualmente ela continua sendo funcionária mas não recebe salário da empresa e nem da previdência social. Além desta situação, faz tratamento médico para a depressão.

